

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS

CURSO DE JORNALISMO

ISABEL MARINHO PEREIRA

FACES DO FEMINISMO NO ISLAM:

RELATÓRIO DE REALIZAÇÃO DE UM LIVRO REPORTAGEM SOBRE
MULHERES MUÇULMANAS FEMINISTAS

SÃO PAULO

2021/2

ISABEL MARINHO PEREIRA

FACES DO FEMINISMO NO ISLAM:
RELATÓRIO DE REALIZAÇÃO DE UM LIVRO REPORTAGEM SOBRE
MULHERES MUÇULMANAS FEMINISTAS

Relatório apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como parte dos requisitos exigidos para a conclusão do Curso de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Hugo de Almeida Harris

SÃO PAULO

2021/2

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

AGRADECIMENTOS

Escrever um livro não é uma tarefa fácil e apesar do meu livro ter sido escrito por apenas duas mãos, ele é resultado de uma junção de várias delas diariamente ao longo de um ano e meio. Aqui deixo meus sinceros agradecimentos a quem não escreveu, mas contribuiu para que a obra se materializasse, ganhasse forma.

Obrigada mãe e pai. Vocês me trouxeram até aqui. O livro só foi possível pelo apoio que tive sempre de vocês em relação aos meus estudos. Vocês me deixaram uma herança em vida da qual agora posso compartilhar: conhecimento.

À minha professora de rádio, Lenize Villaça, agradeço por me orientar sobre o tema quando tudo ainda estava tão confuso. Suas dicas foram essenciais para que eu pudesse definir meu projeto. Ao meu orientador, Hugo Haris, obrigada! Jamais o deixaria fora de meus agradecimentos, você foi a pessoa que me dirigiu, confiou em mim e esteve ao meu lado como professor e mais do que isso, um amigo. Sou muito grata pela parceria e amizade que consolidamos.

Agradeço também ao meu namorado, Matheus Nascimento, que esteve comigo nas visitas à Mesquita Brasil e conseguiu encher meus olhos de lágrimas, não só pelas fotos maravilhosas e pela ajuda constante, mas por ter se prontificado a ir comigo e a rezar. Entrar na mesquita para ouvir o sermão, sabendo que você estava comigo e ainda disposto a aprender algo foi muito importante e significativo para mim.

Às minhas amigas, Isabelly Mariano, Mayumy Hatano e Joyce Oliveira, obrigada. Vocês foram as primeiras pessoas a ler o esboço do que seria meu livro. Ao meu amigo, André Casé, agradeço em especial, pela linda biografia que escreveu para mim.

Ao meu tio, David Underwood, obrigada por me ensinar tanto e ainda me ajudar com as correções no meu relatório. Você sempre será uma inspiração para mim.

Sheik Mohamad Bukai e todas as pessoas envolvidas na Mesquita Brasil que me deixaram visitar o templo, tirar fotos, aprender sobre, muito obrigada! Inclusive, amei ter recebido o Alcorão. Nur Sleiman e senhor Mourad, agradeço a ajuda com as fotos e o almoço, respectivamente.

A todas as entrevistadas que aceitaram participar e dedicaram um tempo de suas vidas me contando experiências e compartilhando conhecimento, muitíssimo obrigada! Vocês são as personagens principais do livro, sem vocês ele não existiria.

Por fim, deixo aqui meu agradecimento a Almerino Gonçalves e Pedro Rivellino, responsáveis pela diagramação e revisão do texto, nessa ordem. E a todos aqueles que não tiveram seus nomes aqui citados, mas colaboraram de alguma forma para que este livro se tornasse real, obrigada!

O mundo, disse Yasmina, não estava interessado em ser justo para com as mulheres. As regras foram feitas de forma a prejudicá-las dessa ou daquela maneira. Por exemplo, disse ela, tanto os homens como as mulheres trabalhavam do alvorecer até altas horas da noite. Só que os homens ganhavam dinheiro e as mulheres não. Essa era uma das regras invisíveis. E quando uma mulher trabalhava pesado e não estava conseguindo ganhar dinheiro, a verdade era que estava metida num harém, ainda que não pudesse ver os seus muros. “Talvez as regras sejam implacáveis porque não são feitas pelas mulheres”, foi o comentário final de Yasmina. “E por que não são feitas pelas mulheres?”, perguntei. “No momento em que as mulheres ficarem espertas e começarem a fazer exatamente essa pergunta”, retrucou ela, “em vez de obedientemente cozinhar e lavar pratos o tempo todo, descobrirão um modo de mudar as regras e virar o planeta de cabeça para baixo.” “E quanto tempo isso vai demorar?”, perguntei. “Muito tempo”, disse Yasmina.

Fatima Mernissi, em “Sonhos de Transgressão: Minha vida de menina num harém”, de 1996, p.79

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo apresentar o feminismo dentro do Islam no Brasil segundo muçulmanas feministas. Compreendê-lo dentro da religião se faz necessário para entender a luta dessas mulheres, quebrar estereótipos e romper com o pensamento que liga, constantemente, o Islam com terrorismo, violência e submissão feminina. Os procedimentos metodológicos consistiram na realização de entrevistas com cinco professoras brasileiras da fé islâmica e o Sheik Mohamad Bukai para compreender por meio de suas respectivas vivências o feminismo dentro desse universo. Além disso, obras de Fatima Mernissi, Nawal El Saadawi foram lidas para a compreensão do tema. Já para definição de abordagem e estilo, os livros de Edvaldo Pereira Lima e Andréia Terzariol serviram como base. Assim, foi visto que apesar da palavra feminismo ter sido criada na França, o movimento já existia muito antes na parte oriental do globo e nesse hemisfério tinha suas razões e lutas particulares. A sociedade e a cultura patriarcal ao decorrer do tempo foram quem retiraram direitos e impuseram limites aos corpos femininos, não a religião. Desde o início, o Islam estabeleceu direitos para ambos os gêneros e os colocou em posição igualitária. O feminismo se estende além da ótica ocidental e deve ser assimilado como a busca de direito de todas as mulheres e levar em consideração o que cada uma particularmente julga como liberdade. A divulgação e publicação de tal assunto é essencial para que o jornalismo cumpra seu papel a serviço da esfera pública.

Palavras-Chave: jornalismo literário, feminismo, islam, liberdade

ABSTRACT

The objective of this project was to present feminism within the Brazilian Islamic community according to the viewpoint of Muslim feminists. Understanding this within the context of religion is necessary in order to understand the struggle of these women, to break stereotypes and to disrupt the thought that constantly links Islam with terrorism, violence and female submission. The methodological procedures consisted in conducting interviews with five Brazilian Muslim and with Sheik Mohamad Bukai in order to contextualize feminism within this universe through their experiences. In addition, works by Fatima Mernissi and Nawal El Saadawi were read to provide a better understanding of the subject. Books by Edvaldo Pereira Lima and Andréia Terzariol served as the basis for the definition of approach and style. Thus, it was seen that although the word feminism was created in France, the feminist movement existed long before in the Middle Eastern part of the globe and in that hemisphere, it had its reasons and particular struggles. Over time society and patriarchal culture, not religion, were the forces that took away women's rights and imposed limits on female bodies. From the beginning, Islam established rights for both genders and placed them in an egalitarian position. Feminism extends beyond the western perspective and should be assimilated as the pursuit of the right of all women by considering what each woman judges to be freedom. The dissemination and publication of such a subject are essential for journalism to fulfill its role in the public sphere.

Keywords: literary journalism, feminism, islam, freedom

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 REFERENCIAL TEÓRICO	13
1.1 A visão ocidental sobre as mulheres muçulmanas e o verdadeiro papel delas no Islam	13
1.2 Livro-reportagem	15
1.3 Jornalismo literário	16
1.4 Jornalismo e estudos de gênero	17
2 DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	18
2.1 Concepção Inicial	18
2.2 Capítulos do livro	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	26
APÊNDICE – AUTORIZAÇÕES DE USO DE IMAGEM E DE FOTOS DE ACERVO PESSOAL	29

INTRODUÇÃO

Este relatório descreve a realização de um livro-reportagem a respeito das diferentes faces do feminismo no Islam¹ no Brasil. Trata-se de uma religião que, apesar de ser a segunda maior do mundo, ainda sofre com uma imagem estereotipada, ligada, constantemente, com terrorismo, violência e, principalmente, a submissão feminina. Mas assim como na parte ocidental do mundo, mulheres muçulmanas se organizam e colocam em evidência suas demandas em prol da igualdade.

Em pauta desde o final do século XIX nas sociedades ocidentais, o feminismo ganhou o rosto de inglesas e americanas. Porém, pouco se fala que neste mesmo período, por volta de 1890, muçulmanas também adquiriram uma “consciência ‘feminista’”. Isso, anos depois resultou na formação de um movimento organizado que não só reconheceu os direitos femininos, como lutou contra o sexismo e a misoginia (LIMA, 2012).

No hemisfério oriental, o termo feminismo se difundiu com Huda Shaarawi, considerada a primeira feminista do Egito. Ela se tornou pioneira ao criar uma organização filantrópica liderada por mulheres e foi a responsável por fundar a União Feminista do Egito, que lutava a favor da educação e do direito ao voto à mulher, em 1923. Huda também ficou conhecida por retirar seu véu diante de uma multidão e, assim, estimular a primeira ação de rebeldia pública, visto que outras muçulmanas a seguiram (ZÚNICA, 2016).

A partir dessas iniciativas, nasceu uma das vertentes feministas abordadas: a secular. Após isso, o movimento de emancipação só conseguiu despertar novamente na década de 80, originando mais uma intersecção, a do feminismo islâmico (LIMA, 2017).

No Brasil, o feminismo também se dá em ondas. Hoje, na quarta onda, é caracterizado pelo uso das redes sociais e assume como luta o combate à violência, ao feminicídio e ao assédio, além de colocar em pauta questões sobre

¹ A grafia Islam foi utilizada por ser a mais aceita internacionalmente e apresentar a mesma tradução em todas as línguas. A forma abasileirada, “Islã”, não está errada, mas quando traduzida em português de Portugal, por exemplo, torna-se “Islão”. Já “Islamismo”, não é correto, visto que não entende-se pela religião, mas um movimento de cunho político.

liberdade de escolha e padrões corporais (RODRIGUES, 2020). E é ao evidenciar esses assuntos, em uma sociedade marcada pela presença digital de influenciadoras muçulmanas brasileiras e feministas, que indagações sobre como o feminismo atua dentro do Islam surgem.

Diante disso, formulou-se a seguinte pergunta-problema: Um livro-reportagem conseguirá enaltecer o feminismo dentro do Islam no Brasil, retratando suas diferentes atuações, por meio de entrevistas com muçulmanas feministas?

Os objetivos principais para a realização deste trabalho foram:

- Realizar um livro-reportagem a respeito das distintas faces do feminismo dentro do Islam no Brasil;
- Compreender a presença e a atuação feminista dentro de uma religião associada diretamente a repressão e a submissão da mulher, além de mostrar o papel desta no Islam sob sua própria perspectiva.

Já os objetivos secundários foram:

- Estudar a história do feminismo no mundo islâmico, desde suas origens com suas principais precursoras até os dias atuais;
- Entrevistar muçulmanas brasileiras de viés feminista para captar suas respectivas vivências e visões;
- Visitar a Mesquita Brasil, um dos principais templos do país, para entrevistar o líder religioso do templo e, assim, sanar eventuais dúvidas sobre o feminismo e a religião como um todo;
- Estudar sobre livro-reportagem e jornalismo literário para entender e identificar a linguagem a ser utilizada.

E a importância deste tema se dá visto que nos últimos anos, os casos de intolerância religiosa têm crescido no Brasil. De acordo com o relatório mais completo que virou até livro, de Santos et al. (2016), de 15 denúncias registradas em 2011, o país saltou para 697, quatro anos depois. Só no período de setembro a dezembro de 2015, 32% das agressões foram contra muçulmanos. Conforme a mesma fonte, o aumento da intolerância contra adeptos do Islam se deve a

associação aos casos internacionais envolvendo ações do grupo terrorista Estado Islâmico.

Assim, em busca de exercer seu caráter denunciativo e de levar informação à sociedade, o jornalismo e seus profissionais devem se dedicar a compreender o Islam. Lembrando que a imprensa precisa estar não só comprometida com a verdade, mas com os procedimentos éticos para que o assunto seja proposto na agenda pública de maneira correta e imparcial, não reafirmando estereótipos.

E a fim de cumprir seu papel a serviço da esfera pública, de divulgar fatos e informações de interesse público, jornalistas carecem estudar e pautar essa religião, visto que 1/3 da sociedade mundial será composta por ela. Segundo o Pew Research Center (2015), o Islam será a religião que mais crescerá nas próximas décadas (expectativa de 73%), podendo alcançar a paridade com o maior grupo religioso do mundo hoje, o cristão.

Além disso, conhecer especificamente sobre mulheres muçulmanas e sua atuação no Islam também se torna relevante, dado que, atualmente, os direitos femininos e o feminismo têm sido pautas constantes. Portanto, entendê-los dentro da religião contribui para a compreensão do próprio movimento que busca aprender com vertentes distintas.

A metodologia teórica deste trabalho foi realizada da seguinte maneira: Para entender o feminismo e a situação das mulheres no mundo islâmico, foi feita a leitura dos livros “A face oculta de Eva”, de Nawal El Saadawi, “Sonhos de Transgressão: Minha vida de menina num harém”, de Fatima Mernissi, da dissertação “Mulheres e Islamismo: os casos do Egito e da Turquia”, de Cila Lima e do trabalho de conclusão de curso “Feminismo e empoderamento da mulher no Islã”, de Perséfone Caroline Nogueira.

E para a produção do livro-reportagem, “Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”, de Edvaldo Pereira Lima, “Jornalismo Literário”, de Felipe Pena e “Livro-reportagem: Guia prático para profissionais e estudantes de Jornalismo”, de Andréia Terzariol, serviram como base.

No que diz respeito à metodologia prática, as cinco muçulmanas brasileiras de viés feminista a seguir foram entrevistadas: Fabiola Oliveira (ativista e professora), Fatima Cheaitou (criadora do canal “Fala, Fatuma”), Francirosy Campos Barbosa (antropóloga e professora da USP), Mariam Melhem (estudante de Relações Internacionais) e Shakila Ahmad (empreendedora e estudante de Defesa e Gestão Estratégica Internacional). Além disso, foram realizadas duas visitas à Mesquita Brasil, primeiro templo islâmico da América Latina, para conseguir fotos e sanar dúvidas com o sheik Mohamad Bukai, líder do templo e Diretor de Assuntos Religiosos da União Nacional das Entidades Islâmicas.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A visão ocidental sobre as mulheres muçulmanas e o verdadeiro papel delas no Islam

De acordo com Said (1990, p.17 apud NOGUEIRA, 2016, p.7), a “relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder e dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia”. Para a autora, a dominação dos colonizadores criou uma imagem generalizada do mundo árabe, mostrando esse povo de forma exótica e em comparação à cultura modelo ocidental, tanto no que diz respeito à imagem da mulher muçulmana, isso não foi diferente.

Segundo Moema L. Viezzer² depois do 11 de setembro de 2001, no World Trade Center de New York, a mídia no geral e até mesmo a televisão brasileira começou a veicular, em horário nobre, mulheres árabes afegãs e elas eram ou dançarinas ou mulheres cobertas pelo véu. Ou seja, para a escritora, ao dividir essas mulheres entre “com véu e sem véu”, a mídia não conseguiu expor os motivos que consolidaram a subordinação feminina árabe (imposições culturais junto com questões religiosas), muito menos foi capaz de mostrar a luta vista há séculos por igualdade de direitos. Desta forma, Oliveira (2016) acredita que para

² Em prefácio escrito para o livro “A face oculta de Eva: as mulheres do mundo árabe”, de Nawal Saadawi, 2002.

não cair em armadilhas midiáticas de alguns países ocidentais, que passam visões distorcidas sobre a mulher muçulmana, é importante assimilar a história desta.

Nogueira (2016) afirma que, desde a época do profeta Mohammed até os dias atuais, as mulheres dentro do Islam desempenham papéis singulares para a constituição da religião. Segundo a autora, elas ocuparam lugares até então masculinizados e geraram representação feminina em diferentes áreas da sociedade, assim, foram responsáveis por modificar a condição das mulheres ao decorrer do tempo. Portanto, de acordo com ela, o passado das muçulmanas e toda a sua história de luta não podem ser subjugados, visto que, elas são também “guerreiras, acadêmicas, poetas, governantes, intelectuais e acima de tudo, donas de sua própria história” (p.24).

Ainda conforme Nogueira (2016), o movimento feminino que começou no Egito no início do século XX, que buscava por emancipação, ultrapassa seu próprio fim. Para a autora, esse ato manifesta o poder das mulheres sobre seus próprios corpos e demonstra a liberdade de escolha consciente que elas têm, de seguir ou de romper com costumes (mais conservadores e fundamentalistas do Islam) e paradigmas culturais.

Moema L. Viezzer³ ainda comenta que a autora Nawal Saadawi acredita que o “feminismo não é uma invenção ocidental” (p.12). Conforme a escritora, apesar desta palavra ter sido criada na França, ou seja, no Ocidente, em cada país há mulheres que lutam contra a opressão e que buscam seus direitos no convívio com os homens em comunidade. Segundo a autora, a opressão ao sexo feminino se dá em qualquer sociedade, visto que sua origem se dá no sistema socioeconômico, no qual é caracterizado pela família patriarcal, pois se baseia na posse de propriedades nos sistemas de hereditariedade e paternidade. Portanto, para ela, a religião não é a raiz opressora e essa análise por parte de fontes ocidentais, escritores e analistas, para com as mulheres árabes é incompleta ou preconceituosa.

³ Em prefácio escrito para o livro “A face oculta de Eva: as mulheres do mundo árabe”, de Nawal Saadawi, 2002, Moema L. Viezzer cita uma fala da autora.

1.2 Livro-reportagem

Segundo Lima (2004), o livro-reportagem é um veículo de comunicação impresso e não-periódico, que por meio da veiculação de grandes reportagens cumpre um papel importante, preenche as lacunas deixadas pela mídia e elimina mesmo que, parcialmente, seu caráter efêmero. Para ele, com este tipo de gênero há um maior aprofundamento do tema tratado e o autor tem uma liberdade considerável para escrever, visto que não precisa seguir as fórmulas tradicionais de construção de um texto jornalístico, como *lead* ou pirâmide invertida.

Assim, ainda de acordo com Lima (2004), o livro-reportagem atua como uma extensão do jornalismo impresso e ao englobar uma variedade de temas desempenha uma atuação específica: Oferece uma ampliação dos fatos, situações e ideias que são de interesse da sociedade. Ainda segundo ele, a função exercida por este veículo se origina, principalmente, do jornalismo, dado que ele faz uso de recursos técnicos desta área e o seu autor, geralmente, é um jornalista.

Para Rocha e Xavier (2013), o livro-reportagem é uma obra que trata de acontecimentos reais e faz uso de recursos metodológicos peculiares do campo jornalístico. Mas, apesar de ir ao encontro neste ponto com o autor anteriormente citado, conforme as autoras em questão, não se pode descartar também o nuance literário contido nesse veículo.

Desta forma, segundo Pereira (2006), o livro-reportagem é, concomitantemente, literatura e jornalismo. E, para ela, apesar do escritor não seguir, necessariamente, normas do discurso jornalístico para contar histórias, como o uso da imparcialidade, da isenção, da neutralidade e da objetividade, ele não deixa de cumprir o objetivo da profissão: Informar e propor a sociedade posicionamentos e mudanças. Assim, a autora acredita que o jornalista-escritor registra narrativas reais, priorizando a investigação e o levantamento de informações, mas abandona o estilo direto e frio, visto no jornalismo diário, para adotar recursos literários.

1.3 Jornalismo literário

Para Pena (2008), o Jornalismo Literário é a junção de elementos oriundos de dois gêneros diferentes. Ele acredita que estes, por sua vez, formam não só um terceiro gênero, como criam um processo de metamorfose dentro e fora desta união, dado que cada área isoladamente, jornalismo e literatura, também passam por mudanças internas. Segundo o autor, o Jornalismo Literário, apesar de ter uma conceituação abrangente, é mais do que uma alternativa encontrada pelos profissionais da imprensa para fugir dos ideais da sociedade de consumo (audiência e patrocínio) que afastaram o jornalismo de seu caráter coletivo. De acordo com ele, significa:

Potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2008, p.13)

Já Castro (2010) afirma que neste gênero tudo é permitido, desde que seja usado com bom senso e talento. Além disso, ele considera que o Jornalismo Literário não exclui nenhum recurso, seja ele metodológico ou narrativo. E conforme diz o autor, é, justamente, esta liberdade de estilo e de contextualização com diferentes campos do conhecimento humano que complexifica a compreensão do gênero.

Segundo Pena (2008), desde a Grécia Antiga, há uma preocupação em enquadrar saberes em um gênero específico, o que não é inerente ao Jornalismo Literário, mas com este há uma dificuldade, visto que ele se origina da junção de dois discursos diferentes: o jornalístico e o literário. Para Lima (2016), é justamente essa característica epistemológica, a união de duas áreas, que dificulta seu entendimento. De acordo com o autor, é a falta de uma delimitação simples que faz com que o gênero em questão seja visto por muitos como um “patinho feio”, sem uma identidade bem desenvolvida.

Portanto, Castro (2010) propõe que o Jornalismo Literário seja livre para experimentar sua própria verdade, ao provar da sua própria e singular criação e Pena (2008), que seja feita um acercamento conceitual, reconhecendo subdivisões de acordo com o período histórico.

1.4 Jornalismo e estudos de gênero

De acordo com Nazareth (2007), no final do século XVII, surgiu na Grã-Bretanha a imprensa feminina, com periódicos destinados exclusivamente a mulheres e a esfera feminina da época. Mas, ainda segundo a autora, tendo em vista que por muito tempo a voz destas se limitaram ao âmbito doméstico, a mídia, por meio de seus conteúdos, reafirmou as desigualdades entre os gêneros e consolidou a identidade da mulher como uma extensão da figura masculina. Conforme Nazareth, ela era esposa, mãe e dona do lar.

No Brasil, isso não foi diferente, apesar dessa imprensa chegar apenas no século XIX. Lain (2019) diz que as publicações eram escritas por homens e se voltavam para literatura, moda, beleza e regras de comportamento. Apenas com a fundação do periódico “O Jornal das Senhoras”, em 1852, este cenário passou por mudanças. Segundo Nazareth (2007), sendo ele o primeiro escrito por e para mulheres, nasceu com o objetivo de cooperar para o melhoramento social e de emancipar moralmente a mulher. De acordo com Silva (2014), ele “ultrapassava os limites da moda e da literatura e, mesmo de maneira tímida, conseguia protestar contra a maneira dominadora com que os homens tratavam suas esposas e o termo utilizado na época ‘suas mulheres’” (p.20).

Desta forma, para Nazareth (2007), o século XIX no Brasil ficou marcado por duas diretrizes na imprensa feminina: A tradicional, na qual perpetuou a atuação da mulher dentro do ambiente doméstico, e a progressista, na qual defendeu os seus direitos e a sua educação.

Segundo Souza (2002), já no século XX, a mídia brasileira passou a mostrar um novo perfil da mulher, dado que esta se integrara a sociedade de consumo, buscara por direitos com os movimentos feministas e entrara no mercado de trabalho. Assim, a autora afirma que ela deixara de ser vista apenas como esposa, mãe e dona-de-casa, para ser também considerada um membro ativo na economia, que ajuda na renda familiar.

Hoje, apesar dos significativos avanços na representação feminina no meio midiático, moldes ainda lhe são impostos. Com a disseminação de corpos e de imagens classificadas ideais, Silva et al. (2016) afirma que a mulher é

ensinada a como se portar em sociedade e como deve ser feminina perante a ela.

E de acordo com Oliveira (2005), o engessamento do sexo feminino com estereótipos e comportamentos também se dá tanto pelos temas abordados pela mídia, quanto pela linguagem adotada nas publicações. Segundo a autora, a abordagem de assuntos como moda, beleza, decoração e culinária colaboram para o encarceramento da mulher no papel de mãe, esposa e dona do lar. E, para ela, o vasto uso de formas verbais imperativas e vocativas tendem a eliminar possíveis questionamentos por parte das leitoras. Portanto, ela acredita que, com esta irrefutabilidade, o conteúdo veiculado pela imprensa feminina ganha um patamar de verdade universal e as matérias se demonstram como manuais a serem seguidos, dado também o tom de aconselhamento adotado.

2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

2.1. Concepção Inicial

Para a realização do livro-reportagem “As faces do feminismo no Islam”, a linguagem utilizada foi a do Jornalismo Literário, visto que, de acordo com Castro (2010), este gênero propicia uma maior liberdade de escrita, de contextualização com diferentes áreas do conhecimento humano e não exclui nenhum recurso metodológico ou narrativo. Esta escolha foi feita a partir do que defende Pena (2008), de que este gênero potencializa os recursos do Jornalismo, garante perenidade, profundidade ao que é relatado e visões vastas da realidade.

Assim, princípios do jornalismo e recursos da literatura foram utilizados para aprofundar a temática, apresentar a vida e os desafios enfrentados por muçulmanas brasileiras feministas dentro do Islam e, assim, compreender esse universo. O livro foi escrito em formato de prosa e as falas foram inseridas com o uso travessões para mostrar fidelidade ao que foi relatado, gerar aproximação com o leitor e, concomitantemente, fazer uso de um recurso literário.

O jornalismo se apresentou eticamente e tecnicamente, com o compromisso com a verdade, a apuração, a checagem e a compilação de informações para abordar o assunto de forma fácil e objetiva. Enquanto isso, a literatura e seus recursos foram vistos não só com os travessões, mas com descrições de ambientes, situações e metáforas. Além disso, particularidades do gênero narrativo, defendidos por Couto (2017), também foram usadas, como: enredo, espaço, personagens e tempo.

Os relatos das entrevistadas foram costurados a fim de formar uma unidade (o enredo), visto que todas, apesar de possuírem diferentes ocupações, vivem tanto o tema, quanto um espaço comum: são muçulmanas feministas no Brasil. Vale ressaltar que o enredo se deu de maneira não linear, pois não seguiu uma ordem cronológica. Já o tempo explorado, em grande parte, foi o presente, apesar do constante retorno ao passado nos três primeiros capítulos. Isso foi necessário para que o leitor compreendesse o que fizeram essas mulheres tomar certas decisões e as conhecesse de maneira mais profunda.

Já no que diz respeito às fontes, essas foram as personagens e, portanto, foram apresentadas, descritas e em alguns casos, caracterizadas fisicamente e psicologicamente. A narração, por sua vez, foi feita em grande parte em terceira pessoa para fornecer descrições de ambientes, contextualizar situações e conectar depoimentos sem desrespeitar ou tomar o lugar de fala das entrevistadas, que são as autoridades no assunto.

As cinco fontes entrevistadas foram mulheres muçulmanas brasileiras que se identificam como feministas e que, apesar de imersas em diferentes áreas de trabalho abordam o Islam e o feminismo em busca de quebrar estereótipos. Esta diversidade de profissões foi pensada como um critério para conseguir amplas perspectivas sobre o feminismo e sua respectiva atuação dentro da religião. Além disso, entrevistar muçulmanas brasileiras também foi muito importante para desassociar a imagem que existe da religião como algo ligado ou pertencente apenas a nacionalidade árabe.

Fabiola Oliveira é professora, ativista e usa as redes sociais para falar sobre a religião e da mulher dentro dela. Fatima Cheaitou é youtuber e usa seu

próprio canal, “Fala Fatuma”, para mostrar o que a religião prega e como é ser uma mulher muçulmana. Francirosy Campos é antropóloga, professora da USP e coordenadora do GRACIAS⁴ e faz isso por meio das redes sociais e da esfera acadêmica. Mariam Melhem é ativista, estudante de Relações Internacionais e, assim como Fabiola, usa suas mídias digitais para abordar a religião e suas experiências. E, por último, mas não menos importante, Shakila Ahmad é empreendedora, estudante de Defesa e Gestão Estratégica Internacional e no ambiente digital e no acadêmico fala sobre Islam, pautas decoloniais e empoderamento feminino.

Devido à pandemia, o formato presencial pretendido não pôde ser utilizado, assim, as entrevistas, em grande parte, foram realizadas de maneira virtual. Quatro com o uso do aplicativo Zoom, que oferece recurso de chamada de vídeo, ferramenta que permite maior contato com a fonte e vice-versa. Uma por meio de áudios no WhatsApp, em razão da dificuldade de contato com a fonte. Já a entrevista com o sheik Mohamad Bukai ocorreu de maneira presencial, tomando os devidos cuidados. Ao todo foram realizadas duas visitas à Mesquita Brasil para conseguir fotos e entrevistá-lo. Vale lembrar que as visitas foram permitidas excepcionalmente, pois o templo, na época, só estava aberto a fiéis. Com a explicação e a importância vista no presente trabalho, foi dada a devida permissão.

Para a realização da entrevista com o sheik foram utilizados dois gravadores e um bloco de notas, que serviu de roteiro, pois continha todas as perguntas e todos os pontos a serem abordados. Já com as mulheres muçulmanas, as entrevistas foram gravadas pelo Zoom e por um gravador profissional, com exceção da que foi citada anteriormente.

Quanto às fotos, Matheus Nascimento ficou à frente disso, porque apesar de não trabalhar na área, possui experiência e dispõe de uma câmera profissional e um celular com alta resolução. Ele tirou fotos para a peça jornalística dentro da Mesquita, de ambientes e de Luciana Salomen (ou Nur

⁴ Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes. Foi criado pela antropóloga e professora Francirosy Campos, em 2010. O grupo é aberto e tem como objetivo reunir pesquisadores de diversas áreas interessados em estudar temáticas islâmicas. Ele está localizado dentro do Departamento de Psicologia da USP.

Sleiman, nome islâmico), muçulmana que aceitou participar como modelo. A ideia inicial era propor um ensaio com todas as entrevistadas, porém com a pandemia isso não ocorreu. Desta forma, foram utilizadas fotos de arquivo pessoal, de uso livre e as tiradas na Mesquita Brasil. Vale destacar que todos os envolvidos, que tiveram suas imagens colocadas no livro, assinaram um termo de autorização de imagem e de uso de fotos do acervo pessoal.

Em relação à produção final do livro, a diagramação e a revisão contaram com a contratação de profissionais especializados. Pedro Rivellino foi o responsável por revisar a obra e foi contratado após indicação. Almerino Gonçalves, por sua vez, foi escolhido para diagramar devido às boas referências de seu trabalho em peças jornalísticas de alunos da presente universidade.

Inspirado no livro “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, na peça jornalística foram adotadas aberturas com páginas pretas. Junto a isso, fotos das entrevistadas, título e número de capítulo em destaque foram colocados. Assim, o livro despreendeu-se do “comum” em algumas mais partes como no posicionamento das fotos, nas aberturas e no “Conheça mais”, mas manteve-se conservador em relação à escolha de fontes, letra capitular e posição de legendas. As referências bibliográficas foram colocadas no final das páginas para que o leitor pudesse consultar as fontes facilmente. Já a explicação de termos importantes para a religião foi uma ideia do diagramador para deixar as referências mais organizadas e destacar informações essenciais para a compreensão do assunto abordado.

2.2 Capítulos do livro

No que diz respeito à composição da peça, ela foi dividida em oito capítulos a fim de seguir a seguinte lógica: Apresentar as mulheres muçulmanas com viés feminista entrevistadas, suas respectivas reversões, escolhas, dificuldades, como lidam com isso e como propagam conhecimento atualmente.

Vale ressaltar que em todos os capítulos buscou-se utilizar diferentes introduções para instigar a leitura. Além disso, houve a preocupação em

fornecer informações sobre a religião e sobre situações e acontecimentos citados pelas entrevistadas.

No primeiro capítulo, “Encontro”, cada entrevistada foi introduzida ao leitor a partir do seu primeiro contato com o Islam. Esta parte teve como objetivo mostrar como elas conheceram a religião e porque decidiram se reverter⁵.

O segundo, “O véu”, apresentou quando e porque decidiram usar o véu e expos suas relações singulares com essa vestimenta. Ou seja, este capítulo não só revelou suas distintas crenças sobre o significado do véu, como colocou em pauta a pluralidade de vestimentas, modos de usar e diferentes nomes, e se é uma obrigatoriedade ou um aconselhamento religioso.

O terceiro, “Jornada”, iniciou-se com dados de intolerância religiosa no Brasil para fundamentar as dificuldades vivenciadas por elas em diferentes âmbitos.

Já o quarto, “Feminismo no Oriente”, foi um capítulo mais teórico e se baseou nas pesquisas da autora para abordar o movimento feminista no lado oriental do globo. Ele foi feito dessa maneira para que o leitor pudesse compreender como o feminismo oriental funciona e como surgiu a vertente denominada feminismo islâmico.

O quinto, “Combate”, aprofundou-se na temática e revelou não só porque mulheres muçulmanas se afirmam feministas, mas porque fazem parte de vertentes específicas e pelo que lutam.

No sexto, “Opostos”, feminismo e Islam foram abordados. Ele foi iniciado com a pergunta feita por pessoas que acreditam que ambos os assuntos se contradizem. Isso foi pensado justamente para apresentar o contrário. Nele, as entrevistadas explicaram por que as pessoas têm essa perspectiva estereotipada e o que tem contribuído para a construção dessa imagem.

O sétimo capítulo, por sua vez, “Olhares” partiu das dificuldades enfrentadas para mostrar o que as entrevistadas pensam sobre e como lidam

⁵ Termo utilizado na religião porque acredita-se que seguir o Islam é retornar às origens.

com isso. Já o oitavo e último capítulo, “Ressignificar” apresentou como essas mulheres compartilham conhecimento atualmente e seus respectivos projetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender sobre o outro, até então desconhecido, é sempre um desafio. É desprender-se do solo em que se está acostumado a andar para trilhar caminhos diferentes, onde o terreno nem sempre será plano tendo em vista do que se tinha como referência disso. Apesar do tema deste projeto ir ao encontro com afinidades pessoais, construir uma obra sobre uma religião da qual não se pertence, interligando experiências de vida, crenças, lutas, anseios é algo complexo. É sair do terreno comum do jornalismo, porque por mais que tente se distanciar, o profissional precisa adentrar de certa forma na religião e na pele do outro para compreender além de termos e histórias, mas sua dor, sua bagagem cultural, religiosa e emocional.

Essa troca se faz necessária porque no jornalismo literário não se busca apenas passar informações. A literatura pede que exprima sentimentos, detalhes, situações em palavras, ou pelo menos tente, e assim ela fornece um outro olhar. Falar apenas da religião ou apenas do feminismo dentro dela seria só história, mas quando se colocam pessoas e tudo que as fazem ser o que são, automaticamente, insere-se vidas.

As mulheres entrevistadas sofrem com uma imagem estereotipada assim como a religião. Desta forma, o cuidado desde o começo é maior. Ao mesmo tempo em que precisa saber sobre o assunto para abordá-lo, é normal que existam dúvidas e perguntas a serem feitas. Essas, por sua vez, devem ser realizadas de maneira que não fira ou constranja. E a compreensão disso também é de certa forma perigosa, uma vez que interpretado errado, passa-se por meio de uma obra uma concepção distorcida e vai contra o que se planejou inicialmente. O que gera um problema maior, pode atingir uma comunidade inteira, consolidar imagens que não condizem com o real. Essas, sem dúvidas, foram as minhas maiores dificuldades para cumprir o objetivo deste projeto.

Por mais que se escreva em terceira pessoa, cinco mulheres e um líder religioso confiaram em mim para enaltecer a posição feminina no Islam e mostrar a religião como ela é. Isso não é feito pela grande mídia. Cobrem atentados, mas não a luta diária, os desafios, o que é ser muçulmano. E, honestamente, tenho orgulho de dizer que eu cobri. Percorri um caminho que muitos optam por nem passar perto por acreditarem que política e religião não se discutem. E me considero satisfeita com o que realizei.

Por meio dessa peça jornalística mulheres se sentiram à vontade para dizer o que pensam, o que elas mesmas acreditam, não o que terceiros dizem ou acham sobre elas. O feminismo e as respectivas vertentes dentro da religião foram vistos de maneira completa. As entrevistadas esclareceram o que é o feminismo para elas, para que precisam dele, por que se consideram adeptas ou não a vertente X, Y, Z. E, além disso, realçaram o quanto o estereótipo e a dominação ocidental também está presente no movimento feminista hoje e o quanto ele precisa evoluir para que o feminismo seja de fato o que ele prega. Luta por igualdade de todas as mulheres.

Na obra, todas foram escutadas e tiveram suas vozes e lutas amplificadas. O conhecimento religioso e o embasamento teórico sobre jornalismo literário e livro-reportagem, sem dúvidas, também foram essenciais. Por meio disso, a obra tomou forma, sentido de orientação, e foi enriquecida de detalhes e informações.

Desta forma, considero que além de responder a pergunta-problema e atingir os objetivos propostos, de abordar o feminismo dentro do Islam no Brasil atualmente, compreendendo-o em sua totalidade pela perspectiva de autoridades no assunto, a peça cumpriu papel a serviço da esfera pública. Divulgou fatos e informações de interesse público, principalmente, tendo em vista o cenário e a composição religiosa futura da sociedade.

Encerro este relatório, como encerrei o livro. Com a certeza de que escolhi o tema certo e que dei o meu máximo. Jamais imaginei que o que tanto me despertava interesse na adolescência seria descoberto em totalidade no término da Graduação, mas hoje vejo o quanto isso foi bom. A bagagem adquirida nesses quatro anos me deu maturidade para compreender o assunto em

totalidade e a tratá-lo de maneira singular. Com um ano e meio de muita pesquisa, entrevistas, escrita, noites mal dormidas consigo visualizar em mim mesma uma pessoa e uma futura jornalista diferente. Aprendi mais do que a ouvir, aprendi a perguntar, como fazer isso.

No começo da graduação, eu tinha receio de expor minhas dúvidas até em sala de aula. Hoje eu sei que tudo bem eu perguntar o “óbvio”, porque nem sempre ele vai ser assim para todo mundo. Eu tive em mãos o trabalho de explicar justamente isso, o que é nítido para os adeptos e não para os que são de fora da religião, de maneira que não ferisse ambas as partes. Abordar um assunto que é bastante falado, mas pouco compreendido também me tornou mais sensível a observar os detalhes, o entorno.

Em muitas aulas, professores debatiam sobre a questão de se posicionar sobre um assunto, declarar-se favorável ou não, para não comprometer a imparcialidade. Hoje, com o assunto que abordei vejo o quanto que isso no geral é utópico, pois o tempo todo há um posicionamento e, às vezes, ele só está disfarçado com algumas palavras rebuscadas.

E, assim, lembro do discurso que li de Magda Aref Abud Latif⁶ no Dia do Islam em 2010, no qual diz “talvez seja por isso que insistam tanto em tirar nossos véus, quem sabe não estão precisando de um pedacinho desses véus para cobrir seus olhos e ouvidos, a fim de não verem nem ouvirem as injustiças por eles mesmos espalhadas” (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2010, p.26). Não serei eu a jornalista que me calarei ou tamparei meus olhos e ouvidos diante as injustiças cometidas. Cumprirei meu papel e me posicionarei como cidadã quando for necessário.

⁶ Cientista social formada pela USP e vice-presidente do Departamento Feminino da Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo Literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010. 86 p. Disponível em: https://www.academia.edu/40828132/Gustavo_Castro_Jornalismo_Liter%C3%A1rio_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 15 out. 2020.

COUTO, Andréia Terzariol. **Livro-reportagem**: guia prático para profissionais e estudantes de jornalismo. Campinas, Sp: Alínea, 2017. 151 p.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO (São Paulo). Jusbrasil (comp.). **Diário Oficial do Estado de São Paulo (DOSP) de 21 de maio de 2010**: 20ª sessão solene em comemoração a “dia do islamismo”. 20ª SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO A “DIA DO ISLAMISMO”. 2010. Disponível em: jusbrasil.com.br/diarios/4863307/pg-25-legislativo-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-21-05-2010. Acesso em: 21 out. 2021.

LAIN, Regina de Fátima. **A linguagem jornalística como representação da mulher na sociedade**. 2019. 108 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uces.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5449/TCC%20Regina%20de%20F%C3%A1tima%20Lain.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 out. 2020.

LIMA, Cila. Feminismo islâmico: o resultado de um constante diálogo entre feminismo secular e ativismo islamista de mulheres. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA, 3., 2012, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Expressão Gráfica; Wave Media, 2012. p. 1-14. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42880/1/2012_eve_clima.pdf. Acesso em: 04 set. 2020.

LIMA, Cila. **Feminismo islâmico: mediações discursivas e limites práticos**. 2017. 235 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-07082017-121004/publico/2017_ValdecilaCruzLima_VCorr.pdf. Acesso em: 04 set. 2020.

LIMA, Edvaldo Pereira. O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 4, p. 1-19, 22 set. 2016. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.s.25024>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/25024/14864>. Acesso em: 14 out. 2020.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paulo: Editora Manole, 2009. 486 p.

MERNISSI, Fatima. **Sonhos de Transgressão**: minha vida de menina num harém. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 279 p.

NAZARETH, Mariana Silvestre. **Mulheres da capa: a representação e a construção da imagem da mulher pelas revistas femininas**. 2007. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1702/1/MNazareth.pdf>. Acesso em: 09 out. 2020.

NOGUEIRA, Perséfone Caroline. **Feminismo e empoderamento da mulher no Islam**. 2016. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/3281/1/PersefoneCarolineNogueira.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2020.

OLIVEIRA, Manuela Assunção. Mulheres muçulmanas e direitos humanos: a importância do movimento feminista árabe na construção dos direitos das mulheres muçulmanas. **Caderno de Relações Internacionais**, [S.L.], v. 4, n. 6, p. 79-128, 26 set. 2016. Faculdade Damas da Instrução Cristã. <http://dx.doi.org/10.22293/2179-1376.v4i6.223>. Disponível em: <https://faculdedamas.edu.br/revistafd/index.php/relacoesinternacionais/article/view/223/211>. Acesso em: 07 nov. 2020.

OLIVEIRA, Tatiana Maynarde. **Imprensa feminina e construção de identidade: A representação da mulher no século XXI**. 2005. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1384/1/TOLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. 142 p.

PEREIRA, Ariane Carla. Os discursos no discurso do livro-reportagem. **Caligrama (São Paulo. Online)**, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 1-17, 27 dez. 2006. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1808-0820.cali.2006.64695>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/64695/67316>. Acesso em: 17 out. 2020.

PEW RESEARCH CENTER (Estados Unidos) (org.). **The Future of World Religions: Population Growth Projections, 2010-2050**: why muslims are rising fastest and the unaffiliated are shrinking as a share of the world's population. Washington, 2015. 245 p. Disponível em: https://assets.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/11/2015/03/PF_15.04.02_ProjectionsFullReport.pdf. Acesso em: 11 set. 2020.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Rumores**, [S.L.], v. 7, n. 14, p. 138-157, 27 dez. 2013. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-677x.rum.2013.69434>. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/Rumores/article/view/69434/72014>. Acesso em: 16 out. 2020.

RODRIGUES, Suzana. **Conheça a história do feminismo no Brasil**. 2020. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/feminismo-no-brasil/>. Acesso em: 04 set. 2020.

SAADAWI, Nawal El. **A face oculta de Eva**: as mulheres do mundo árabe. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2002. 310 p. Título original: The hidden face of Eve.

SANTOS, Babalawô Ivanir dos *et al* (org.). **Intolerância Religiosa no Brasil: Relatório e Balanço**. Rio de Janeiro: Kline, 2016. 156 p. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2018/08/relatorio-final-port-2.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.

SILVA, Bruna Caldas da. **Jornalismo feminino: As mudanças na linguagem jornalística para acompanhar as metamorfoses sociais da mulher brasileira**. 2014. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Faculdades Integradas Hélio Alonso, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.facha.edu.br/pdf/monografias/20101330.pdf>. Acesso em: 09 out. 2020.

SILVA, Jessica Moura da *et al*. A Influência da Mídia na Construção do Feminino: O Caso “Bela, Recatada e do Lar”. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 18., 2016, Caruaru. **Anais [...]**. Caruaru: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2016. p. 1-12. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1123-1.pdf>. Acesso em: 09 out. 2020.

SOUZA, Lidiane Aparecida Silva de. **Imprensa feminina**: a mulher vista nas páginas das revistas. 2002. 83 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2002. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/LidianeSouza.pdf>. Acesso em: 09 out. 2020.

ZÚNICA, Plínio. **Huda Shaarawi: a primeira feminista do Egito**. 2016. Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/huda-shaarawi-a-primeira-feminista-do-egito>. Acesso em: 04 set. 2020.

APÊNDICE – AUTORIZAÇÕES DE USO DE IMAGEM E DE FOTOS DE ACERVO PESSOAL

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE FOTO DE ACERVO PESSOAL E IMAGEM

Eu, Fabiola Aparecida da Silva Oliveira, portador da Cédula de Identidade nº 29949385-4, inscrito no CPF sob nº 33844329838, residente à Rua Corifeu ds Azevedo Marques, nº 1111, na cidade de Sao Jose dos Campos, AUTORIZO o uso de minhas fotos de acervo pessoal, tiradas por mim ou por terceiros, (sob minha responsabilidade) no Trabalho de Conclusão de Curso de Isabel Marinho Pereira, aluna de Jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, matriculada sob nº 31828612.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) livro-reportagem; (II) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, 22 de Abril de 2021



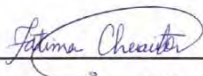
Assinatura

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE FOTO DE ACERVO PESSOAL E
IMAGEM**

Eu, Fátima Cheaitou, portador da Cédula de Identidade nº 60207063 06, inscrito no CPF sob nº 06040980506, residente à Rua Francisca Júlia, nº 563, na cidade de São Paulo, AUTORIZO o uso de minhas fotos de acervo pessoal, tiradas por mim ou por terceiros, (sob minha responsabilidade) no Trabalho de Conclusão de Curso de Isabel Marinho Pereira, aluna de Jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, matriculada sob nº 31828612.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) livro-reportagem; (II) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, 28 de abril de 2021



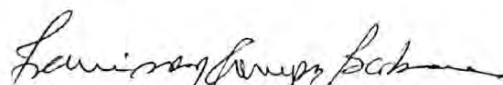
Assinatura

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE FOTO DE ACERVO PESSOAL E
IMAGEM**

Eu, Francirosy campos barbosa, portador da Cédula de Identidade nº 15730311-1, inscrito no CPF sob nº 11573046809, residente à Rua rua alcatrazes, nº 189, na cidade de são paulo, AUTORIZO o uso de minhas fotos de acervo pessoal, tiradas por mim ou por terceiros, (sob minha responsabilidade) no Trabalho de Conclusão de Curso de Isabel Marinho Pereira, aluna de Jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, matriculada sob nº 31828612.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) livro-reportagem; (II) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, 02 de setembro de 2021



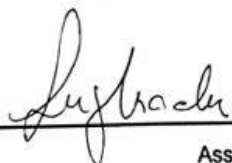
Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, LUCIANA SALOMEN WAZER, portador da Cédula de Identidade nº 29516582-9, inscrito no CPF sob nº 187.187.668-03, residente à Rua PEDRO TAQUES, 60, nº _____, na cidade de Cotia, AUTORIZO o uso de minha imagem (sob minha responsabilidade) para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso de Isabel Marinho Pereira, aluna de Jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, matriculada sob nº 31828612.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) livro-reportagem; (II) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, 18 de DEZEMBRO de 2020



Assinatura

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE FOTO DE ACERVO PESSOAL E
IMAGEM**

Eu, Mariam Melhem, portador da Cédula de Identidade nº 63.927.808-5, inscrito no CPF sob nº 513.232.268-93, residente à Rua Piratinanga, nº 201, na cidade de São Paulo, AUTORIZO o uso de minhas fotos de acervo pessoal, tiradas por mim ou por terceiros, (sob minha responsabilidade) no Trabalho de Conclusão de Curso de Isabel Marinho Pereira, aluna de Jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, matriculada sob nº 31828612.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) livro-reportagem; (II) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, 20 de abril de 2021

Mariam Melhem

Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE FOTO DE ACERVO PESSOAL E
IMAGEM

Eu, SHAKILA DE SOUSA ALVES, portador da Cédula de Identidade nº 284262577, inscrito no CPF sob nº 16948701701, residente à Rua FERNANDES DA FONSECA, nº 284, na cidade de RIO DE JANEIRO, AUTORIZO o uso de minhas fotos de acervo pessoal, tiradas por mim ou por terceiros, (sob minha responsabilidade) no Trabalho de Conclusão de Curso de Isabel Marinho Pereira, aluna de Jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, matriculada sob nº 31828612.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) livro-reportagem; (II) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, 14 de Setembro de 2021



Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, monamad ALBUKAI, portador da Cédula de Identidade nº 62540073-2, inscrito no CPF sob nº 233544418-28, residente à Rua Av. Interlagos 492, nº AP: 14 B11 na cidade de São paulo, AUTORIZO o uso de minha imagem (sob minha responsabilidade) para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso de Isabel Marinho Pereira, aluna de Jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, matriculada sob nº 31828612.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) livro-reportagem; (II) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, 18 de dezembro de 2020



Assinatura